

Cresce emissão de eurobônus

132
por Maria Christina Carvalho
de Londres

Uma verdadeira enxurrada de eurobônus de empresas brasileiras chegou ao mercado internacional em setembro. Aproveitando as expectativas otimistas com os resultados das eleições presidenciais, o impacto positivo do Plano Real e receando alguma eventual medida de limitação à entrada de recursos externos, várias empresas desengavetaram projetos de lançamentos. Muitas emissões estavam em "banho-maria" desde que os juros dos Estados Unidos começaram a subir, em fevereiro, encarecendo a captação de recursos externos.

O Brasil emitiu US\$ 537 milhões em eurobônus de julho a setembro, em oito lançamentos. Esse valor é cerca da metade dos US\$ 1,145 bilhão emitidos no primeiro trimestre do ano, mas mostra uma forte recuperação em comparação com os módicos US\$ 81 milhões emitidos no segundo trimestre, em apenas duas operações, de acordo com levantamentos feitos pelo banco de investimentos britânico West Merchant Bank.

A reativação dos novos lançamentos no mercado de eurobônus foi, na realidade, comum em toda a América Latina, indicam esses levantamentos, divulgados no início deste mês. Os doze países latino-americanos ativos no mercado de eurobônus, acompanhados pelo West Merchant Bank, lançaram novos papéis no valor de US\$ 3,395 bilhões no trimestre passado.

As emissões da região haviam caído de US\$ 6,422 bilhões no primeiro trimestre para US\$ 2,040 bilhões no segundo. O movimento brasileiro tem seus motivos particulares. No resto da América Latina, os emissores aparentemente conformaram-se com a nova tendência dos juros externos, de resto ainda inferiores às taxas domésticas, e aproveitaram o fato de o mercado já ter absorvido as emissões anteriores.

O ano de 1994, porém, vai ficar longe dos resultados de 1993, quando a América

Latina emitiu um total de US\$ 26,341 bilhões. O acumulado neste ano é de US\$ 11,857 bilhões, 31% menos do que em igual período de 1993.

O mercado internacional de eurobônus comenta que estariam no "pipeline" cerca de US\$ 9 bilhões em novas emissões para serem despejados. Mas o economista do West Merchant Bank, responsável pela análise da área, acredita que apenas metade desse valor será efetivamente colocada.

A tendência de alta dos juros norte-americanos persiste e é um dos fatores inibidores. O grande emissor latino-americano, o México, voltou a mostrar sinais de instabilidade política, após o assassinato do secretário-geral do PRI, e a Venezuela teve o risco de crédito rebaixado depois que deixou de resgatar uma emissão que venceu em julho.

O Brasil é um dos países da região com demanda mais promissora. Mas os juros pedidos pelos investidores para adquirir os títulos brasileiros ainda são elevados. O Brasil paga cerca de 400 pontos-base acima da taxa dos títulos do Tesouro norte-americano, enquanto o México paga menos, por volta de 200 pontos.